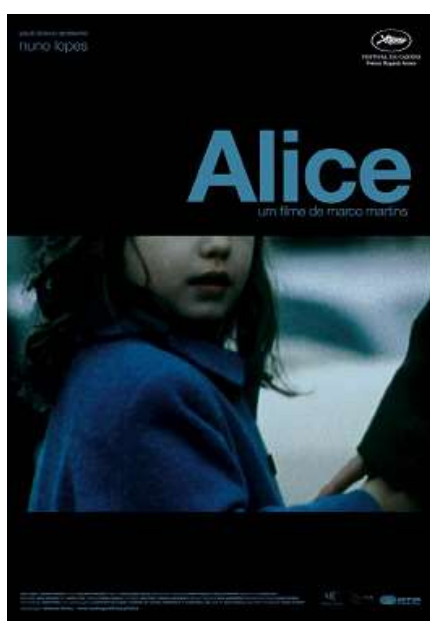




FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO, DE 2023 - 21H30



“Alice”, de Marco Martins

Realização: Marco Martins; Assistente de realização: Pedro Madeira, Dörte Schneider; Anotação: Margarida Leitão; Argumento: Marco Martins; Direcção de fotografia: Carlos Lopes; Decoração: Artur Pinheiro; Assistente de decoração: Pedro Soares; Assistente de plateau: João Reis; Guarda-roupa: Luísa Pinto; Assistente de guarda-roupa: Isabel Nunes, Fátima Imaginário; Cabelos: Maria Almeida ‘Nani’; Maquilhagem: Maria Almeida ‘Nani’; Música: Bernardo Sasseti; Montagem: João Braz, Roberto Perpignani; Som: Pedro Melo; Montagem de som: Elsa Ferreira; Foley: Filipe Kacl; Gravação de foley: Tiago Silva; Misturas: Branko Neskov; Produção: Paulo Branco; Coordenação de produção: Ana Alves; Direcção de produção: Joana Ferreira; Chefe de produção: Sérgio Baptista; Etalonagem: Dora Rolim; Efeitos especiais: Rui Pina

Com Nuno Lopes (pai), Beatriz Batarda (mãe), Miguel Guilherme (actor), Ana Bustorff (Margarida), Laura Soveral (Lurdes), Gonçalo Waddington (segurança aeroporto), Carla Maciel (Mónica), José Wallenstein (detective), Clara Andermatt (falsa mãe), Ivo Canelas (Ricardo), Teresa Faria (senhora da limpeza), Carlos Santos (segurança dos caminhos-de-ferro), Fernando Luís (mendigo), António Vaz Mendes (Paulo), Rita Ferreira (menina 1), Bárbara Barradas (menina 2), Isabel Galvão (mãe 2), Patrícia Guerreiro (rapariga da festa), Joana Santos (hospedeira - lavandaria), Maria José Lopes (senhora lavandaria), João Fonseca (polícia de Fátima), Filipa Freire (menina de Fátima), Maria João Cruz (assistente social)

Duração: 102 minutos; Estreia: 06 de Outubro 2005

“Alice”, de Marco Martins

Alice na Cidade

É bastante injusto esperar dos jovens cineastas portugueses a criação do “novo” cinema português. No entanto, os media em Portugal tentam a todo o custo descobrir este “novo cinema”. Nomes como Tiago Guedes, Frederico Serra (Bad Blood), António Ferreira (Esquece Tudo o que Eu Te Disse) e, principalmente, Marco Martins (Alice) são muitas vezes reunidos na tentativa de panfletagem de algo. Para dizer a verdade, não há nenhum movimento. O que acontece é que, às vezes, surge uma primeira longa e descobrimos que não é tão medíocre como de costume... só isso. Os jovens cineastas não estão a tentar fazer nenhum tipo de revolução. Cada um, é claro, tem a sua própria distinção, a sua própria energia. Neste sentido, não se deve tentar conceber uma ideia de ruptura sem rigor com a velha geração - os associados às referências dogmáticas, como Fernando Lopes e Paulo Rocha incluindo todo o inventário de Oliveira, João César Monteiro e Botelho.

Tomemos, por exemplo, o realizador Marco Martins e o seu filme Alice. Sempre duro, o realizador vem de uma formação académica em que todos os professores fizeram lavagem cerebral aos seus alunos precisamente com aquelas velhas noções do “verdadeiro cinema de autor português”, mas tem uma forma muito própria de lidar com a narrativa

e a aparência visual. O seu cinema nada tem a ver com a pose habitual do que se diz um filme ‘típico’ português. Ao contar a história de um pai obcecado pelo desaparecimento de seu filho, ele também nos consegue envolver numa teia de humores e percepções fantasmagóricas. De forma elíptica, Marco Martins também evita os habituais clichês deste tipo de histórias com uma frieza a que nunca falta sinceridade e, em última instância, humanidade. A história passa-se em Lisboa, mas desta vez não há luz radiante. A atmosfera é bastante pesada e nublada. Pode ser qualquer metrópole cheia de cidadãos stressados - pessoas que não se olham. De certa forma, Alice também pode ser considerado um filme de zombies muito comovente. Não importa se esse pai encontra a menina. O que importa é o que a noção de voyeurismo nos está a fazer. Os olhos do pai, o genial Nuno Lopes, estão queimados, como todas as pessoas que fotografa com as suas câmaras de mão. Ele torna-se o sonâmbulo sem alma que não consegue lidar com a doença urbana.



Se quisermos ser optimistas podemos dizer que Marco Martins é uma das promessas do cinema português. Ele pode ser apontado como um Wong kar-wai mais simples. Infelizmente, é visto por alguns intelectuais portugueses como um pirralho contaminado da indústria publicitária (realizou o novo anúncio de cerveja com o Pierce Brosnan...) e, embora o filme tenha encontrado o seu público, não está a filmar agora. Ele tem que esperar. E também temos que esperar. Vamos apenas esperar que ele não perca a pressa de filmar.

Rui Pedro Tendinha

no 21º Festival Internacional de Cinema Mar Del Plata



Filmografia de Marco Martins

“Axilas” (2016); “Os Mistérios de Lisboa ou What the Tourist Should See” (2009); “Viúva Rica Solteira Não Fica” (2006); “O Fascínio” (2003); “Cinco Dias, Cinco Noites” (1996); “Le Blocus” (curta, 1990); “Os Cornos de Cronos” (1990); “A Mulher do Próximo” (1988); “Balada da Praia dos Cães” (1986); “Jogo de Mão” (1983); “Sem Sombra de Pecado”(1982); “Música, Moçambique!” (1981); “Kilas” (1980); “Os Demónios de Alcácer-Kibir” (1976); “Miklós Jancsó” (curta, 1974); “Budapeste” (curta, 1974); “Moustaki em Portugal” (curta, 1974); “Golf in the Algarve” (curta, 1972); “Mónica ou Um Diário Algarvio” (curta, 1972); “O Recado” (1971); “Voar” (1970); “The Columbus Route” (curta, 1969); “A Cidade” (curta, 1968); “The

Pearl of the Atlantic - Madeira” (curta, 1968); “Regresso à Terra do Sol” (curta, 1967); “A Metafísica dos Chocolates” (curta, 1967); “...E Era o Mar” (curta, 1966)